

lua Nova

Livro Segundo da Trilogia

Luz e Escuridão

STEPHENIE MEYER

Iua Nova



STEPHENIE MEYER



LUA NOVA

Título original: New Moon
Coleção Mil e Um Mundos
Texto © Stephenie Meyer
Design da capa © Gail Doobinin

Traduzido para Língua Portuguesa
por Vera Falcão Martins
Revisão de Antónia Bastos
Coordenação Editorial de
Ema Rodrigues
Composição de Celina Barros
Impressão e acabamento de ?

© 2007, Edições Gailivro, S.A.
Rua do Caminho do Senhor, 230
4410-083 Serzedo Vila Nova de Gaia
Telef. 227 300 400
Fax: 227 534 160
E-mail: gailivro@gailivro.pt
www.gailivro.pt

Depósito Legal ??? ??? /07
ISBN 978-989-557-446-9
Reservados todos os direitos.

1.^a Edição, Outubro de 2007

*Para o meu pai, Stephen Morgan.
Nunca ninguém recebeu um apoio mais dedicado
e incondicional do que eu recebi de ti.
Também te amo muito.*



*E*stes violentos enlevos têm violentos fins
E no seu triunfo se extinguem, como o fogo e a pólvora,
Que num beijo se consomem.

Romeu e Julieta, Acto II, Cena VI

PREFÁCIO

Senti-me como se estivesse aprisionada num daqueles pesadelos aterradores, nos quais temos de correr, correr até os pulmões rebentarem, mas não conseguimos fazer o nosso corpo deslocar-se com suficiente rapidez. As minhas pernas pareciam mover-se cada vez mais devagar, enquanto eu avançava com dificuldade por entre uma multidão indiferente. Porém, as mãos que controlavam o relógio da torre não paravam. Com uma força implacável e insensível, precipitavam-se fatalmente para o fim – o fim de tudo.

No entanto, tudo não passava de um sonho. Ao contrário do que acontecia naquele tipo de pesadelos, não fugia para me salvar; corria para proteger algo infinitamente mais precioso. A minha vida pouca importância representava naquele dia.

Alice dissera que havia uma forte probabilidade de ambas morreremos ali. Talvez o desfecho fosse diferente, se ela não tivesse sido encurralada pela intensa luz do Sol; apenas eu era livre de atravessar aquela praça luminosa e cheia de gente.

Contudo, não conseguia correr com suficiente rapidez.

Por isso, não me importava que estivéssemos rodeados pelos nossos inimigos incredivelmente perigosos. Quando o relógio começou a tocar, vibrando sob as solas dos meus

pés lentos, soube que era tarde de mais – e fiquei contente por haver algo sedento de sangue, à espera. Na realidade, com aquele fracasso, perdia todo o desejo de viver.

O relógio tocou de novo e o Sol atingiu o ponto central do céu.

Capítulo Um

FESTA

Eu sentia-me 99,9% certa de que estava a sonhar.

Os motivos pelos quais estava tão segura eram: em primeiro lugar, o facto de me encontrar sob um brilhante feixe de luz solar – uma espécie de Sol resplandecente e ofuscante que nunca brilhava na chuvosa zona de Forks, em Washington; e, em segundo lugar, estar a olhar para a minha avó, Marie. A avó morrera há seis anos, o que comprovava de uma forma bastante sólida a minha teoria do sonho.

A avó não mudara muito; o seu rosto estava exactamente como eu o lembrava. A pele era suave e ressequida, vincada por uma infinidade de rugas minúsculas que, por baixo, se colavam delicadamente ao maxilar. Tal como um damasco seco exibindo um tufo de cabelo branco, que sobressaía numa nuvem em seu redor.

As nossas bocas – a dela uma prega engelhada – abriram-se, formando o mesmo sorriso tímido, exactamente ao mesmo tempo. Pelos vistos, ela também não esperava ver-me.

Estava prestes a fazer-lhe uma pergunta; tinha tantas dúvidas a assombrarem-me o sono... Por que razão estava ela ali? O que fizera nos últimos seis anos? O avô estaria bem? Ter-se-iam encontrado, onde quer que estivessem? Contudo, a avó abriu a boca quando eu também o fiz, pelo que silencieei para a deixar falar. Ela também se deteve e ambas sorrimos perante aquele pequeno constrangimento.

– Bella?

Não era a avó que pronunciara o meu nome, pelo que nos virámos para ver quem acabara de chegar, participando naquela

pequena reunião. Não precisei de olhar para saber de quem se tratava; era uma voz que eu reconhecia em qualquer lugar – que conhecia e à qual reagia, quer estivesse acordada, a dormir... ou até morta, apostava. Uma voz pela qual atravessaria chamas – ou menos melodramática – pela qual enfrentava, todos os dias, o frio e a chuva interminável.

Edward.

Embora ficasse sempre radiante por vê-lo – consciente ou não – e tivesse quase a certeza de que era um sonho, entrei em pânico quando Edward se dirigiu a nós, expondo-se à ofuscante luz do Sol.

Entre em pânico porque a avó não sabia que eu estava apaixonada por um vampiro – aliás ninguém sabia. Logo, como poderia explicar o facto de os brilhantes raios de Sol desfazerem a sua pele numa infinidade de cacos em arco-íris, como se ele fosse de cristal ou diamante?

«Bem, Avó, deve ter reparado que o meu namorado cintila. É apenas algo que ele faz ao Sol. Não se preocupe...»

O que estaria ele a fazer? O principal motivo pelo qual Edward vivia em Forks, o sítio mais chuvoso do mundo, era poder sair durante o dia sem revelar o segredo da sua família. Porém, ali estava ele, dirigindo-se graciosamente a mim – com um sorriso lindíssimo no seu rosto angélico –, como se mais ninguém estivesse presente.

Naquele instante, desejei não ser a excepção ao seu misterioso talento; normalmente, dava graças por ser a única pessoa cujos pensamentos ele não conseguia escutar, com a mesma clareza como se fossem ditos em voz alta. Agora, contudo, desejava que ele conseguisse ouvir-me, para que recebesse o aviso que gritava na minha cabeça.

Lancei um olhar de pânico na direcção da avó e vi que era tarde de mais. Naquele preciso momento, ela estava a virar-se, fixando-me com os olhos tão assustados quanto os meus.

Edward – ainda a sorrir com tanta beleza que achei que o

meu coração iria rebentar no peito – pôs o braço à volta do meu ombro e voltou-se, ficando de frente para a avó.

A expressão dela espantou-me. Em vez de horrorizada, a avó fitava-me timidamente, como se esperasse uma repreensão. Estava numa estranha posição – com um braço desajeitadamente afastado do corpo, estendido e curvado no ar, como se o tivesse à volta de alguém que eu não conseguia ver, simplesmente invisível...

Só então, ao observar a panorâmica geral, é que reparei no enorme caixilho dourado que rodeava a imagem dela. Sem compreender, levantei a mão que não envolvia a cintura de Edward e estendi-a para a tocar. Ela imitou o movimento como um espelho. Porém, onde os nossos dedos deveriam encontrar-se nada havia senão um vidro frio...

Num movimento brusco e estonteante, o meu sonho rapidamente se transformou em pesadelo.

Não havia avó.

Era apenas eu diante de um espelho. Eu – velha, enrugada e seca.

Edward estava ao meu lado, sem projectar qualquer reflexo, dolorosamente belo e com os eternos dezassete anos.

Encostou os seus lábios perfeitos e gelados à minha face definhada.

– Feliz aniversário – sussurrou.

Acordei sobressaltada e ofegante, abrindo bem as pálpebras num ápice. Uma claridade cinzenta e baça, típica de uma manhã nublada, tomou o lugar do ofuscante Sol do meu sonho.

«Apenas um sonho», disse a mim mesma. «Foi só um sonho». Respirei fundo e, depois, dei outro salto quando o despertador tocou. O pequeno calendário, ao canto do mostrador, informou-me que era dia 13 de Setembro.

Tinha sido apenas um sonho, mas bastante agoirento num aspecto: era o dia do meu aniversário. Oficialmente, completava dezoito anos.

Há meses que temia aquele dia.

Durante todo o fantástico Verão – o mais feliz que alguma vez vivera, aliás o Verão mais feliz que alguém, em qualquer lugar, alguma vez tivera e também o mais chuvoso da história da Península Olímpica –, esta aterradora data espreitava, como que preparando uma emboscada, para me atacar.

Agora que finalmente tinha chegado, era pior do que os meus receios. Sentia-o: estava mais velha; aliás envelhcia todos os dias. Mas isto era diferente, pior, contável: eu tinha dezoito anos. E Edward jamais os alcançaria.

Quando fui escovar os dentes, quase fiquei admirada com o facto de, ao ver-me ao espelho, o meu rosto não se ter modificado. Olhei-me atentamente, em busca de algum sinal de eventuais rugas na minha pele de marfim. Os únicos vincos eram, todavia, os da minha testa e eu sabia perfeitamente que se descontraisse eles desapareceriam. Mas não consegui. As sobrancelhas mantiveram um arco de preocupação sobre uns ansiosos olhos castanhos.

«Foi apenas um sonho», lembrei a mim mesma mais uma vez. Apenas um sonho... e também o pior pesadelo.»

Não tomei o pequeno-almoço, com pressa de sair o mais rapidamente possível. Como não consegui evitar o meu pai tive de passar alguns minutos a fazer de conta que estava alegre. Tentei sinceramente ficar entusiasmada com os presentes que lhe pedira que não comprasse. No entanto, sempre que sorria, tinha a sensação de que poderia desatar a chorar a qualquer momento.

Fiz um esforço para me controlar enquanto conduzia até à escola. Era difícil apagar a imagem da avó – aquela não era eu. Não sentia nada, além de desespero, até entrar no parque de estacionamento, nas traseiras do Liceu de Forks, e ver Edward, imóvel encostado ao reluzente Volvo prateado, como uma verdadeira homenagem de mármore a um esquecido deus pagão da beleza. O sonho não lhe tinha feito justiça. Tal como em todos os outros dias, ele estava ali à minha espera.

O desespero que sentia desvaneceu-se, por momentos, e o assombro tomou o seu lugar. Mesmo estando com ele há seis meses, ainda não conseguia acreditar que era merecedora de tamanho privilégio.

Ao seu lado, a irmã, Alice, também me esperava.

Evidentemente, Edward e Alice não eram aparentados (em Forks, a história que corria era que todos os irmãos Cullen tinham sido adoptados pelo Dr. Carlisle Cullen e pela esposa, Esme, na medida em que ambos eram notoriamente novos de mais para terem filhos adolescentes). Porém, a pele dos dois caracterizava-se pelo mesmo tom pálido, os olhos tinham uma mesma estranha tonalidade dourada, nomeadamente aquelas sombras carregadas, semelhantes a hematomas. O rosto dela, tal como o de Edward, era espantosamente belo. Para alguém que estava dentro do assunto – como eu –, estas parecenças distinguiam-nos como aquilo que na realidade eram.

A imagem de Alice, ali, à espera – com os seus olhos de um tom amarelo-acastanhado, brilhantes de entusiasmo, e segurando nas mãos um pequeno cubo embrulhado em prata – fez-me franzir o sobrolho. Dissera-lhe que não queria nada, nem prendas, nem qualquer atenção, no dia do meu aniversário. Obviamente, os meus desejos tinham sido ignorados.

Bati com a porta da carrinha Chevrolet de 1953 – projectando uma chuva de partículas de ferrugem no alcatrão molhado – e dirigi-me lentamente para o local onde eles me esperavam. Alice deu um salto em frente para ir ao meu encontro, com uma expressão travessa e radiante, sob um cabelo negro espetado.

– Parabéns, Bella!

– Chiu! – exclamei com desagrado, percorrendo com o olhar todo o parque de estacionamento, a fim de me certificar de que ninguém a tinha ouvido. A última coisa que queria era algum tipo de comemoração face ao triste acontecimento.

Ela ignorou-me.

– Queres agora abrir agora a tua prenda ou fica para depois? – perguntou ansiosa, enquanto nos aproximávamos de Edward.

– Nada de presentes – protestei, irritada.

Finalmente, ela pareceu sentir o meu estado de espírito.

– Está bem... Então, fica para depois. Gostaste do álbum de recortes que a tua mãe te enviou? E que tal a máquina fotográfica do Charlie?

Suspirei. Claro que ela sabia quais tinham sido todas as minhas prendas de aniversário. Edward não era o único membro da família com dotes fora do comum. Alice devia ter «visto» as intenções dos meus pais, assim que tomaram quaisquer decisões.

– Sim, são fantásticos.

– Acho que é uma boa ideia. Só se é finalista uma vez; por isso, há-que registar a ocorrência.

– Quantas vezes é que já foste finalista?

– É diferente...

Chegámos junto de Edward, que me estendeu a mão. Agarrei-a, com ansiedade, esquecendo momentaneamente o meu depressivo estado de espírito. Tinha a pele, como sempre, suave, dura e muito fria. Apertou-me ligeiramente os dedos. Fitei o seu olhar de topázio líquido e, embora menos suave, o meu coração também sofreu um aperto. Ao aperceber-se da hesitação do meu coração, ele voltou a sorrir.

Levantou a mão livre e, com a ponta do dedo frio, percorreu o contorno dos meus lábios, enquanto falava:

– Então, tal como combinado, não me é permitido dar-te os parabéns, certo?

– Sim, correcto. – Eu nunca seria capaz de conseguir uma boa imitação do fluir da sua dicção perfeita e formal. Era algo que só se conseguiria captar no século anterior.

– Estava apenas a confirmar. – E passou a mão pelo desgrenhado cabelo cor-de-bronze. – Podias ter mudado de ideias. A maioria das pessoas parece gostar de aniversários e de prendas...

Alice sorriu, emitindo um puro som de prata, como o tinar de um espanta-espíritos ao vento.

– Claro que vais gostar. Hoje, é suposto que todos sejam simpáticos contigo e te façam as vontades, Bella. Qual seria

o pior que te poderia acontecer? – Alice tencionara fazer uma simples pergunta retórica.

No entanto, respondi-lhe:

– Envelhecer – mas a minha voz não saiu tão firme como fora minha intenção.

Ao meu lado, Edward cerrou o sorriso, desenhando um duro contorno facial.

– Ter dezoito anos não é ser muito velha – afirmou ela. – Não é costume que as mulheres esperem até completar vinte e nove anos para se começarem a aborrecer com os aniversários?

– Trata-se do facto de ser mais velha do que Edward – murmurei.

Ele suspirou.

– Teoricamente – disse ela, mantendo um tom jovial –, é apenas um anito...

Imaginei... se pudesse ter a certeza do que o futuro me reservava, passaria toda a eternidade com Edward, Alice e os outros Cullen (de preferência, não na figura de uma velhotazita enrugada)... um ano ou dois, um qualquer sentido, não teriam qualquer importância para mim. Edward, porém, opunha-se terminantemente a um futuro que me modificasse; um futuro que me tornasse igual a ele – imortal.

Era um impasse, dizia ele.

Para ser sincera, não compreendia verdadeiramente a posição de Edward. O que havia de tão maravilhoso na mortalidade? Ser vampiro não parecia algo assim tão terrível – pelo menos, tendo em consideração a maneira de estar dos Cullen.

– A que horas apareces lá em casa? – continuou Alice, mudando de assunto. Pela expressão, estaria a tramar o tipo de situação que eu esperava evitar.

– Não me recordo de ter combinado ir até lá...

– Oh, sê tolerante, Bella! – reclamou ela. – Não vais estragar a nossa diversão, pois não?

– Pensei que, no meu aniversário, o importante era o que eu queria...

– Vou buscá-la a casa do Charlie, depois das aulas – informou Edward, ignorando-me.

– Tenho de ir trabalhar – protestei.

– Por acaso, até não – respondeu Alice presumidamente.

– Já falei com a Sra. Newton sobre isso e ela ficou de trocar os turnos. E pediu-me para te dar os parabéns.

– Eu... Mesmo assim, não posso ir – gaguejei, procurando uma desculpa. – Ainda não assisti à representação de «Romeu e Julieta», que é necessária à disciplina de Inglês.

Alice contrapôs.

– Sabes o «Romeu e Julieta» de cor...

– Mas o professor Betty referiu que tínhamos de ver a obra representada para que a apreciássemos verdadeiramente. Era assim que Shakespeare tencionava que ela fosse apresentada ao público...

Edward revirou os olhos.

– Já viste o filme – acusou Alice.

– Não, trata-se da versão de 1960. O professor Betty disse que era a mais fidedigna.

Por fim, o sorriso vaidoso de Alice desvaneceu-se e, em seguida, ela lançou-me um olhar feroz.

– Será a bem ou a mal, Bella, de uma maneira ou de outra...

Edward interrompeu a ameaça.

– Tem calma, Alice. Se a Bella quer ver o filme, pode fazê-lo. É o seu aniversário.

– Tal e qual – acrescentei.

– Eu levo-a a casa por volta das 19h00 – continuou. – Assim, até têm mais tempo para se prepararem...

O sorriso de Alice voltou a tilintar como um espanta-espíritos.

– Parece-me bem. Então vemo-nos à noite, Bella. Vai ser muito divertido, vais ver!

Ao sorrir, ela exibiu os seus dentes cintilantes e perfeitos; depois, beijou-me na face e afastou-se elegantemente, dirigindo-se à primeira aula, antes que eu tivesse tempo de qualquer reacção.

– Edward, por favor... – comecei por implorar, mas ele pousou o dedo frio sobre os meus lábios.

– Falamos mais tarde. Já vamos chegar atrasados à aula.

Ninguém nos olhou ao ocuparmos os lugares habituais, ao fundo da sala de aula (agora, ficávamos juntos em quase todas as aulas; de tal forma eram espantosos os favores que Edward conseguia das funcionárias da Secretaria...). Já estávamos juntos há demasiado tempo para sermos tema de conversa. Nem mesmo Mike Newton se dava ao trabalho de me lançar um olhar desgostoso que me fazia sentir, em parte, culpada. Por sua vez, ele sorria e eu até fiquei contente por ele parecer ter aceite o facto de sermos só amigos. Mike mudara durante o Verão: o rosto tinha perdido as formas redondas, ficando com as maçãs do rosto mais salientes; e usava o cabelo louro-claro com um penteado diferente – em vez de eriçado, estava mais comprido e com gel, num desalinho cuidadosamente elaborado. Era fácil identificar a sua fonte de inspiração – todavia a aparência de Edward não era algo que se pudesse alcançar por imitação.

À medida que o dia avançava, ponderei formas de escapar ao que se iria passar em casa dos Cullen naquela noite. Já seria mau o suficiente ter de comemorar, quando estava mais na disposição de fazer luto. Pior só mesmo o facto de estar praticamente garantido que tudo aquilo implicaria atenção e prendas.

A atenção nunca é algo positivo para alguém desastrado e propenso a acidentes. Ninguém quer estar sob as luzes da ribalta, quando o mais provável é estatelar-se no chão.

Além disso, tinha pedido – até mais, ordenado –, de uma forma bastante decidida, que ninguém me desse presentes este ano. Parecia que Charlie e Renée não eram os únicos a ignorar tal facto.

Eu nunca tivera muito dinheiro e isso nunca me incomodara. Renée criara-me com o vencimento de uma educadora de infância. Charlie também não estava propriamente a enriquecer no seu emprego – era o chefe da polícia local, na minúscula cidade de Forks. O meu único rendimento pessoal provinha dos

três dias em que trabalhava, semanalmente, numa loja de artigos desportivos. Numa cidade tão pequena, era uma sorte conseguir um emprego. Todo o tostão que ganhava tinha como destino uma minúscula poupança para a universidade (a universidade era o Plano B. Ainda mantinha esperança no Plano A, mas Edward insistia teimosamente em deixar-me ser humana...).

Edward tinha muito dinheiro – nem queria pensar em valores. O dinheiro não tinha qualquer importância para ele ou para os restantes Cullen. Era apenas visto como algo que acumulavam, ao disporem de um tempo ilimitado e tendo uma irmã dotada de uma estranha capacidade de prever as tendências da Bolsa de Valores. Edward parecia não compreender porque me opunha ao facto de ele gastar dinheiro comigo – porque ficava pouco à vontade quando ele me levava a um restaurante caro em Seattle; porque não podia deixá-lo comprar-me um carro que atingisse velocidades superiores a noventa quilómetros por hora; ou porque não podia deixá-lo pagar-me as propinas da universidade (ele encarava o Plano B com um entusiasmo ridículo). Ele considerava que eu estava a ser desnecessariamente difícil.

Como podia deixá-lo dar-me algo se não como retribuir? Ele, por qualquer razão desconhecida, queria estar comigo. Algo que me desse além disso contribuía apenas para ficarmos mais desequilibrados.

O dia foi passando. Nem Edward nem Alice voltaram a falar no meu aniversário e eu, aos poucos, comecei a descontraír.

Sentámo-nos na mesa habitual para almoçarmos.

Naquele espaço, havia umas estranhas tréguas. Os três – eu, Edward e Alice – sentávamo-nos no extremo Sul da mesa. Agora que os irmãos Cullen mais «velhos» e assustadores (no caso de Emmett) se tinham formado, Alice e Edward já não pareciam tão intimidantes e nós já não ficávamos sozinhos. Todos os meus amigos Mike e Jessica (que se encontravam na incómoda fase da amizade pós-separação), Angela e Ben (cuja relação sobrevivera ao Verão), Eric, Conner, Tyler e Lauren (apesar de esta não se tratar propriamente de uma amiga), sentavam-se na mesma mesa,

para além de uma barreira invisível. Essa fronteira dissipava-se em dias soalheiros, quando Edward e Alice, por norma, faltavam às aulas. Nessas alturas, a conversa prolongava-se sem esforço e eu fazia sempre parte.

Edward e Alice não consideravam estranho este pequeno afastamento nem ficavam magoados, como certamente aconteceria comigo. Mal se apercebiam. Os outros sentiam um estranho pouco à vontade junto dos Cullen, quase que uma espécie de receio, gerado por algo que não conseguiam explicar a si mesmos. Eu era a excepção à regra. Por vezes, Edward ficava incomodado com o meu à vontade em estar perto dele. Considerava ser perigoso para a minha saúde – opinião que eu rejeitava, com determinação, sempre que ele a expressava.

A tarde passou rapidamente. As aulas chegaram ao fim e Edward acompanhou-me à carrinha, como normalmente o fazia. Contudo, desta vez, abriu-me a porta do passageiro para eu entrar. Alice deveria levar o seu carro para casa, de modo a que ele pudesse impedir-me de fugir a sete pés.

Cruzei os braços e não fiz qualquer movimento para evitar a chuva.

– É o meu aniversário. Não tenho o direito de conduzir?

– Estou a fingir que não é o teu aniversário, tal como me pediste.

– Então, se não é o meu aniversário, não preciso de ir a tua casa esta noite...

– Tudo bem. – Fechou a porta do passageiro e passou por mim para ir abrir a do lado do condutor. – Parabéns!

– Chiu – interpelei-o, com pouca convicção; e entrei pela porta aberta, desejando que ele aceitasse a outra proposta.

Edward brincou com o rádio enquanto eu conduzia, abanando a cabeça em sinal de reprovação.

– O teu rádio tem uma recepção terrível.

Franzi o sobrolho. Não gostava que ele implicasse com a minha carrinha. Era uma viatura fantástica – tinha personalidade.

– Se queres um bom auto-rádio, vai no teu carro. – Estava

tão nervosa com os planos de Alice, que haviam desequilibrado o meu estado de espírito melancólico, e aquelas palavras soaram mais agressivas do que eu queria. Era raro estar maldisposta junto de Edward e o meu tom de voz fê-lo pressionar os lábios, evitando sorrir.

Quando estacionei em frente à casa de Charlie, ele estendeu as mãos para me segurar o rosto. Tocava-me sempre com muito cuidado, encostando suavemente as pontas dos dedos às minhas têmporas, às maçãs do rosto e ao contorno do maxilar. Era como se eu fosse especialmente frágil. E essa era a realidade – pelo menos, em comparação com ele.

– Hoje, mais do que nunca, devias estar bem-disposta – sussurrou, soprando no meu rosto com o seu doce hálito.

– E se não quiser estar bem-disposta? – argumentei, respirando de forma irregular.

Os seus olhos dourados incendiaram.

– É pena.

Sentia a cabeça a girar quando ele se aproximou e encostou os lábios gélidos aos meus. Tal como seria a sua intenção, esqueci todas as preocupações e concentrei-me em manter-me consciente de inspirar e expirar.

A sua boca deteve-se na minha, fria, macia e meiga, até eu colocar os braços à volta do seu pescoço e entregar-me ao beijo, expressando um entusiasmo algo excessivo. Senti os seus lábios curvarem-se para cima ao largar-me o rosto e, quando depois, me segurou as mãos de forma a soltá-lo.

Edward traçara uma série de cuidadosos limites na nossa relação física, com o intuito de me manter viva. Ainda que eu respeitasse a necessidade de conservar uma distância de segurança entre a minha pele e os seus dentes afiados, revestidos de veneno, tinha a tendência para esquecer tais banalidades sempre que ele me beijava.

– Porta-te bem, por favor – exalou contra a minha face. E, suavemente, encostou os seus lábios aos meus para depois se afastar, cruzando os braços sobre a minha barriga.

Conseguia sentir a minha pulsação palpitar nos ouvidos. Sob a palma da sua mão, o meu coração batia aceleradamente.

– Achas que alguma vez superarei isto? – perguntei, sobretudo, a mim. – Será que o meu coração poderá, um dia, deixar de tentar saltar do peito quando me tocas?

– Sinceramente, espero que não – afirmou Edward, com alguma vaidade.

Revirei os olhos.

– Vamos ver os Capuleto e os Montéquio matarem-se uns aos outros, não é?

– Um desejo teu é para mim uma ordem.

Edward estendeu-se no sofá enquanto eu colocava o filme, passando o genérico à frente. Quando me sentei na borda do sofá, à sua frente, ele envolveu-me a cintura com os braços e puxou-me contra o peito. Não era propriamente tão confortável como uma almofada, já que embora perfeito era duro e frio como uma escultura em gelo. Apesar disso era, sem dúvida, preferível. Retirou a velha manta pousada nas costas do sofá e tapou-me para que eu não enregelasse contra o seu corpo.

– Sabes, nunca tive paciência para o Romeu – comentou quando o filme começou.

– Qual é o problema do Romeu? – interroguei um pouco ofendida. Era uma das minhas personagens preferidas. Aliás, até conhecer Edward, mantivera um fraquinho por ele.

– Em primeiro lugar, está apaixonado por Rosaline. Não achas que isso fá-lo parecer algo inconstante? E, escassos minutos após o casamento, mata o primo de Julieta; o que não é muito inteligente da sua parte. Comete erro atrás de erro. Conseguiria ele destruir ainda mais a sua felicidade?

Suspirei.

– Queres que veja o filme sozinha?

– Não, seja como for, estarei sobretudo a olhar para ti.

Os seus dedos percorreram a pele do meu braço, desenhando padrões e provocando-me uma reacção de pele de galinha.

– Vais chorar?

- Provavelmente – confessei –, se estiver muito concentrada.
- Então, não vou distrair-te.

No entanto, sentia os seus lábios tocarem-me no cabelo, o que por si só me distraía.

O filme acabou por concentrar a minha atenção, graças, em grande parte, ao facto de Edward me sussurrar ao ouvido as falas de Romeu – a sua irresistível voz de veludo fazia a do actor parecer fraca e rude. E, para seu divertimento, chorei quando Julieta acordou e encontrou o recente esposo morto.

- Confesso que, de certo modo, o invejo neste momento – afirmou Edward, secando-me as lágrimas com uma madeixa do meu cabelo.

- Ela é muito bonita.

Ele emitiu um som de repugnância.

- Não o invejo por causa da rapariga, apenas pela facilidade com que se suicida – explicou num tom de gracejo. – Vocês, os humanos, têm tudo tão simplificado! Só precisam de ingerir um frasquinho com extractos de plantas...

- O quê? – perguntei, sobressaltada.

- Foi algo em que, uma vez, fui obrigado a reflectir. Pela experiência do Carlisle, sabia que não seria simples. Já nem sei de quantas diferentes maneiras é que o Carlisle, inicialmente, se tentou suicidar... depois de se ter apercebido em que se tinha transformado. – A sua voz, que adquirira um tom sério, tornou-se novamente jovial. – E, como é notório, ele encontra-se de perfeita saúde.

Virei-me para conseguir decifrar a expressão do seu rosto.

- De que estás a falar? – questionei. – A que te referes? Trata-se de algo em que, alguma vez, tiveste de pensar?

- Na Primavera passada, quando tu... quase morrias... E deteve-se para respirar fundo, esforçando-se por recuperar o tom de gracejo. – Eu tentava, evidentemente, encontrar-te com vida, mas uma outra parte de mim planeava um acidente... Como já te disse, não é tão fácil como para um humano...

Por instantes, a lembrança da minha última viagem a Phoenix

invadiu-me o pensamento e fez-me sentir uma tontura. Conseguia visualizar tudo com nitidez – o Sol ofuscante, as ondas de calor que emanavam do betão enquanto eu me encaminhava a um ritmo desesperado ao encontro de um vampiro sádico que queria torturar-me até à morte. James à espera na sala espelhada, e a minha mãe como refém – pensava eu. Não sabia que tudo não passava de uma artimanha. Da mesma forma que James não sabia que Edward corria para me salvar e este conseguiu chegar a tempo, por um triz. Irreflectidamente, percorri com os dedos a cicatriz, em forma crescente, na minha mão, que estava sempre mais fria do que o resto da pele.

Abanei a cabeça – como se pudesse afastar as más recordações – e tentei compreender o que Edward queria dizer. O meu estômago encolheu-se de uma forma incómoda.

– Um acidente? – repeti.

– Bem, eu não viveria sem ti. – E revirou os olhos como se isso fosse infantilmente óbvio. – Mas não sabia ao certo como fazê-lo; estava ciente de que Emmett e Jasper jamais me ajudariam... portanto, pensei na hipótese de ir até Itália e fazer algo que provocasse os Volturi.

Nem queria acreditar que Edward falava a sério; mas os seus olhos dourados pareciam pensativos, concentrados em algo distante, enquanto ele ponderava diferentes formas de pôr termo à sua vida. De repente, fiquei furiosa.

– O que é um Volturi? – interrompi.

– Os Volturi são uma família – explicou, ainda com um olhar distante. – Trata-se de uma família muito antiga e poderosa da nossa espécie. São aquilo que, no vosso mundo, se assemelha a uma família real, creio. Carlisle viveu com eles durante um breve período, nos primórdios da sua existência como vampiro, em Itália, antes de se fixar na América. Lembras-te da história?

– Claro que sim.

Jamais esqueceria a primeira vez que fora a sua casa – aquela enorme mansão branca, embrenhada nas profundezas da floresta, junto ao rio. Muito menos apagaria a imagem da sala

onde Carlisle – o pai de Edward, no que diz respeito a uma série de aspectos efectivos – cobrira uma parede com quadros que ilustravam a sua história de vida. A tela mais viva, intensamente colorida, que ali se encontrava, a maior, remontava à época em que Carlisle estivera em Itália. Claro que recordava o calmo quarteto de homens, cada um exibindo um sublime rosto sublime de serafim, pintado na mais alta varanda, com vista para um estonteante caos de cor. Ainda que a pintura tivesse vários séculos, Carlisle – o anjo louro – continuava igual. E lembrava-me dos outros três, que Carlisle conhecera nos primeiros tempos. Edward nunca pronunciara o nome Volturi para designar o belo trio: dois de cabelo negro e um de cabelo branco como a neve. Designara-os, apenas, de Aro, Caius e Marcus, os protectores nocturnos...

– Enfim, ninguém irrita os Volturi – prosseguiu Edward, interrompendo o meu devaneio. – A não ser que queira morrer... ou seja lá aquilo que fazemos...

O seu timbre de voz era tão calmo que quase fazia com que esse facto parecesse aborrecido, tendo em conta essa perspectiva.

A minha raiva transformou-se em horror. Agarrei-lhe no rosto frio, com as duas mãos, e segurei-o firmemente.

– Nunca, nunca, nunca mais penses em semelhante coisa! – exclamei. – Independentemente do que me aconteça, não podes magoar-te a ti mesmo!

– Jamais voltarei a pôr-te em perigo; logo, isso é um ponto discutível.

– Pôr-me em perigo! Pensei que já tínhamos chegado à conclusão de que todo e qualquer azar é culpa minha! – Sentia-me cada vez mais irritada. – Como te atreves a pensar assim? – A ideia de Edward deixar de existir, mesmo estando eu morta, era-me incrivelmente penosa.

– O que farias se invertêssemos o contexto? – perguntou.

– Não é a mesma coisa.

Edward parecia não compreender a diferença e soltou um riso abafado.

– E se te acontecesse mesmo algo? – E empalideci perante tal ideia. – Gostarias que eu partisse?

Um sinal de dor assombrou-lhe as feições perfeitas.

– Compreendo, em parte, onde queres chegar... – confessou.

– Mas o que faria eu sem ti?

– E o que fazias antes de eu aparecer e complicar toda a tua existência.

Ele suspirou.

– Falas como se fosse muito fácil.

– Deveria ser. Não sou assim tão interessante...

Edward estava prestes a contestar, mas acabou por desistir.

– É discutível – lembrou-me. De repente, assumiu uma postura mais formal, afastando-me, de modo a que não nos tocássemos.

– É o Charlie? – pressupus.

Ele sorriu. Após uns instantes, ouvi o som do carro-patrolha da polícia, que parara junto à entrada. Estendi a mão e peguei na dele firmemente. Assim, pelo menos, não incomodaria o meu pai.

Charlie entrou com uma caixa de piza em mãos.

– Olá, meninos. – E sorriu-me. – Pensei que gostarias de fazer uma pausa nos cozinhados e na louça para lavar, no dia do teu aniversário. Tens fome?

– Claro! Obrigada, Pai.

Charlie não comentou a aparente falta de apetite de Edward. Já estava habituado a que ele nunca jantasse.

– Importa-se que a Bella passe o serão comigo? – perguntou Edward, logo que eu e Charlie terminámos a refeição.

Observei Charlie com um ar esperançoso. Talvez ele encarasse os aniversários como assuntos de família, que deveriam ser restringidos à casa. Era o meu primeiro aniversário junto dele, assim como o primeiro aniversário que passava desde que a minha mãe, Renée, tinha voltado a casar e fora viver para a Florida.

– Não há problema. Os Mariners vão defrontar os Sox, hoje – explicou Charlie, desvanecendo toda a minha esperança. – Nunca seria uma grande companhia...

Depois, pegou na máquina fotográfica que me tinha comprado, de acordo com a sugestão de Renée (eu precisaria de fotografias para preencher o meu álbum de recortes), e deu-ma.

Ele já devia saber – eu sempre tivera dificuldades de coordenação–, pelo que a máquina fotográfica escorregou-me das mãos e precipitou-se em direcção ao chão. Edward apanhou-a antes de ela atingir o linóleo.

– Grande defesa – observou Charlie. – Bella, se esta noite vão organizar algo divertido em casa dos Cullen, devias aproveitar para tirar algumas fotografias. Já sabes como é a tua mãe: há-de querer ver as fotografias mesmo antes de as teres tirado!

– Boa ideia, Charlie – disse Edward, entregando-me a máquina fotográfica.

Apontei-a na direcção de Edward e tirei a primeira fotografia.

– Funciona.

– Ainda bem. Ei, dá cumprimentos à Alice. Ela não aparece cá há uns tempos. – E um dos cantos da boca de Charlie descaiu.

– Há três dias, Pai – lembrei.

Charlie adorava Alice. Afeiçoara-se à sua presença durante a Primavera passada, quando ela me apoiara na minha incómoda convalescença. Charlie ficar-lhe-ia eternamente grato por tê-lo poupado ao horror de uma filha, quase adulta, necessitar de ajuda para tomar banho.

– Eu digo-lhe.

– Está bem. Divirtam-se esta noite, meninos.

Era obviamente uma despedida. Charlie dirigiu-se à sala de estar, onde tinha a televisão.

Edward sorriu, exibindo uma expressão de triunfo, e agarrou-me na mão para me puxar para fora da cozinha.

Quando chegámos à carrinha, ele voltou a abrir-me a porta do passageiro; desta vez, nem discuti. Na escuridão, sem dúvida que teria bastantes dificuldades em encontrar o misterioso cruzamento onde se virava para sua casa.

Edward seguiu para Norte, atravessando Forks, visivelmente irritado com o limite de velocidade imposto pela pré-histórica

carrinha Chevrolet. O motor gemia mais ruidosamente do que o costume, sempre que ele tentava ultrapassar os oitenta quilômetros por hora.

– Tem calma – adverti-o.

– Sabes o que devias adorar? Um lindo Audi *coupé*. Silencioso e com muita potência...

– A minha carrinha não tem nada de mal. E por falar em bens caros e supérfluos, se sabes o que é bom para a tua saúde, certamente não gastaste dinheiro em prendas de aniversário.

– Nem um tostão – afirmou virtuosamente.

– Ótimo.

– Fazes-me um favor?

– Depende.

Edward suspirou, com uma expressão encantadora e séria.

– Bella, o último aniversário a sério que qualquer um de nós comemorou foi o de Emmett, em 1935. Por isso, dá-nos um desconto e não sejas tão difícil durante o serão. Eles estão todos tão entusiasmados!

Ficava assustada sempre que Edward fazia aquele tipo de referências.

– Tudo bem, eu controlo-me.

– Talvez seja melhor avisar-te...

– Não te inibas.

– Quando digo que estão todos entusiasmados... refiro-me a todos mesmo.

– Todos? – Engasguei-me. – Pensei que Emmett e Rosalie estivessem em África.

Aliás, em Forks circulava que os Cullen mais velhos tinham, este ano, partido para a universidade, em Dartmouth; mas eu sabia que não era verdade.

– Emmett quis estar presente.

– Mas... e Rosalie?

– Eu sei, Bella. Não te preocupes, ela comportar-se-á da melhor forma possível.

Não respondi. Como se eu pudesse não me preocupar assim

tão facilmente. Ao contrário de Alice, a outra irmã «adoptiva» de Edward, a loura-dourada e sublime Rosalie, não simpatizava muito comigo. Aliás, o sentimento que ela nutria por mim era ligeiramente mais forte do que uma mera antipatia. No que dizia respeito a Rosalie, eu não passava de uma intrusa indesejada na vida secreta da sua família.

Sentia-me terrivelmente culpada em relação à actual situação e calculava ser por mim que Emmett e Rosalie se ausentavam por períodos tão prolongados; ainda que secretamente me agradasse o simples facto de não a ver. Em relação a Emmett, o corpulento e brincalhão irmão de Edward, sentia saudades. Ele era, em diversos aspectos, o irmão mais velho que eu sempre desejara ter... só que muitíssimo mais aterrador.

Edward decidiu mudar de assunto.

– Então, se não me deixas comprar-te um Audi, não há nada que gostasses de receber no teu aniversário?

As palavras foram proferidas num sussurro.

– Tu sabes muito bem o que eu quero.

O seu sobrolho, acentuadamente franzido, gravou as rugas que lhe marcavam a testa fria. Tornara-se óbvio que Edward desejara ter-se limitado ao assunto Rosalie.

A sensação era a de que tínhamos tido aquela discussão, diversas vezes, ao longo do dia.

– Esta noite não, Bella. Por favor.

– Talvez a Alice me dê o que eu quero.

Edward rosnou, emitindo um som grave e ameaçador.

– Este não será o teu último aniversário, Bella – assegurou.

– Não é justo!

Pareceu-me ouvir Edward cerrar os dentes.

Já estávamos próximos de casa. Uma luz intensa emanava de todas as janelas, ao longo dos dois primeiros pisos. Uma extensa fila de lanternas japonesas estava suspensa de beiral do alpendre, projectando um brilho suave nos enormes cedros que ladeavam a casa. Grandes taças de flores – rosas cor-de-rosa – acompanhavam a larga escadaria que conduzia às portas da frente.

Gemi.

Edward respirou fundo, algumas vezes, para se acalmar.

– Isto é uma festa – lembrou-me. – Tenta não ser desmancha-prazeres.

– Com certeza – murmurei por entre dentes.

Contornou a carrinha para me abrir a porta e estendeu-me a mão.

– Tenho uma pergunta. – Ele aguardou com um ar cauteloso.

– Se revelar este rolo – disse, brincando com a máquina fotográfica entre as mãos –, tu apareces?

Edward riu-se. Ajudou-me a sair do carro, puxou-me ao longo das escadas, continuando a sorrir quando abriu a porta da entrada.

Estavam todos à espera na enorme e branca sala de estar; mal me aproximei da porta, saudaram-me num sonoro coro, clamando «Parabéns, Bella!». Corei e baixei o olhar. Alice, presumi, cobrira todas as superfícies planas com velas cor-de-rosa e dezenas de taças de cristal com centenas de rosas. Junto ao grandioso piano de Edward encontrava-se uma mesa, sobre a qual estava estendida uma toalha branca, que sustentava um bolo de aniversário cor-de-rosa, rosas, uma pilha de pratos em vidro e um pequeno monte de presentes embrulhados em prata.

O cenário era cem vezes pior do que eu imaginara.

Edward, apercebendo-se da minha aflição, envolveu-me a cintura com o braço, incentivando-me e, a seguir, beijou-me no cimo da cabeça.

Os pais de Edward, Carlisle e Esme – incrivelmente jovens e, como sempre, encantadores –, estavam mais próximos da porta. Esme abraçou-me delicadamente, roçando-me na minha face com os seus macios cabelos cor-de-caramelo, ao beijar-me na testa. Em seguida, Carlisle colocou o braço em volta dos meus ombros.

– Peço desculpa por tudo isto, Bella – disse, num aparte.

– Não conseguimos travar a Alice.

Rosalie e Emmett estavam atrás. A primeira não sorriu, mas

também não me lançou qualquer olhar feroz. O rosto de Emmett traduzia-se num enorme sorriso. Já não os via há vários meses; até me esquecera de como Rosalie era magnificamente bela – quase que doía só de a olhar. E teria sido Emmett sempre assim tão... grande?

– Não mudaste nada – disse Emmett com uma falsa desilusão.

– Estava à espera de alguma diferença visível. Mas aqui estás tu, corada como sempre.

– Obrigadinha, Emmett – respondi, corando ainda mais.

Ele riu-se.

– Tenho de sair por alguns instantes. – E deteve-se piscando o olho a Alice, nada discreto. – Não faças nada de engraçado na minha ausência.

– Vou tentar...

Alice largou a mão de Jasper e deu um salto em frente, com os dentes a cintilarem naquela intensa luminosidade. Jasper também sorriu, mas manteve a distância. Encostou-se, exibindo um porte alto e de aparência loura, ao pilar no fundo das escadas. Durante o período que passámos juntos, enfiados num quarto em Phoenix, pensei que ele tivesse ultrapassado a aversão que sentia por mim. No entanto, voltara a comportar-se da mesma forma – evitava-me –, assim que se livrou da temporária obrigação de me proteger. Eu sabia que não era nada de pessoal, apenas uma precaução; por isso, tentava não ser demasiado sensível àquilo. Jasper tinha mais dificuldades em seguir o regime alimentar dos Cullen do que os restantes elementos da família; era-lhe muito difícil resistir ao odor do sangue humano – tinha menos prática.

– Está na hora de abrires as prendas – declarou Alice. Colocou a mão por baixo do meu cotovelo e rebocou-me até à mesa, onde estava o bolo e os embrulhos reluzentes.

Fiz a melhor expressão de mártir.

– Alice, mas eu disse que não queria nada...

– Só que eu não te dei ouvidos – interrompeu, orgulhosamente. E tirou-me a máquina fotográfica das mãos, colocando uma enorme caixa quadrada e prateada no seu lugar.

O embrulho era tão leve que parecia estar vazio. A etiqueta colocada em cima informava que era de Emmett, Rosalie e Jasper. Envergonhada, rasguei o papel e, depois, olhei fixamente para a caixa.

Tratava-se de algo eléctrico, com imensos números na designação. Abri a caixa, na expectativa de um maior esclarecimento, mas ela estava vazia.

– Hum... obrigada.

Rosalie chegou a esboçar um sorriso. Jasper riu-se.

– É um auto-rádio para a tua carrinha – explicou ele.

Emmett está a instalá-lo neste momento, para que não possas devolvê-lo.

Alice antecipava-se sempre.

– Obrigada Jasper e Rosalie – agradecei, sorrindo ao recordar as reclamações de Edward relativamente ao meu rádio, naquela tarde; pelos vistos não passara de uma armadilha. – Obrigada, Emmett! – disse mais alto.

Em seguida, ouviu-se a sua estrondosa gargalhada vinda da minha carrinha, não conseguindo evitar sorrir também.

– Abre a minha prenda e, só depois, a de Edward – ordenou Alice, tão entusiasmada que a sua voz mais parecia um assobio. Ela segurava na mão um pequeno cubo achatado.

Voltei-me para lançar a Edward um olhar fulminante e disse-lhe:

– Tu prometeste.

Antes que ele pudesse responder, Emmett irrompeu pela porta.

– Mesmo a tempo! – exclamou alegremente. Colocou-se atrás de Jasper, que também se aproximara mais do que o habitual para ver melhor.

– Não gastei um tostão – assegurou Edward. Afastou-me uma madeixa de cabelo do rosto, deixando a minha pele a vibrar com o seu toque.

Inspirei profundamente e virei-me para Alice.

– Passa-me lá – suspirei.

Emmett sorriu com satisfação.

Peguei no pequeno embrulho, revirando os olhos na direcção de Edward, enquanto enfiava o dedo sob a borda do papel e o fazia deslizar debaixo da fita-cola.

– Ui! – queixei-me ao sentir o papel cortar-me a pele; e afastei o dedo do embrulho para examinar melhor a pequena lesão. Uma gota de sangue emergiu de um minúsculo corte.

Depois, tudo se precipitou rapidamente.

– Não! – gritou Edward.

E veio sobre mim, atirando-me para cima da mesa, que entretanto caiu, derrubando o bolo, as prendas, as flores e os pratos. Acabei por aterrar numa confusão de cristal estilhaçado.

Jasper foi contra Edward e o som da colisão assemelhou-se ao de um embate entre pedregulhos aquando de um desabamento de rochas.

Ouviu-se um outro ruído: era uma espécie de rosnar medonho que provinha das entranhas de Jasper. Ele tentou passar por Edward, empurrando-o e atacando-o com os dentes, falhando o seu rosto por escassos centímetros.

Emmett, no mesmo instante, agarrou Jasper por trás, prendendo-o com uma avassaladora força de aço; mas ele continuou a debater-se, incidindo um olhar vazio e selvagem sobre mim.

Além da emoção, sentia dor. Caíra no chão, junto do piano, esticando instintivamente os braços para me amparar e pousando-os sobre os pequenos fragmentos de vidro. Começava a sentir uma dor torturante e ardente, que se estendia desde o pulso até à dobra do cotovelo.

Atordoadada e desorientada, desviei o olhar do sangue vermelho-vivo que jorrava do braço e fixei o olhar febril dos seis vampiros subitamente ávidos.